



Vera Mantero regressa ao “delírio exaltante” dos anos 90

Vera Mantero regressa ao “delírio exaltante” dos anos 90

Gonçalo Frota

A coreógrafa revisita no CCB duas peças marcantes do seu percurso: Poesia e Selvajaria , estreada em 1998, deixa-se (re)descobrir quinta e sexta-feira. Segue-se Um Estar Aqui Cheio em Fevereiro.

Remexendo nos seus arquivos, Vera Mantero resolveu voltar a olhar para os vídeos que documentavam os ensaios que conduziram a Poesia e Selvajaria . Além do registo filmado da peça estreada originalmente no festival Mergulho no Futuro, a 21 de Agosto de 1998, a coreógrafa quis ir à procura de pormenores por detrás da criação que a sua memória pudesse ter apagado. E surpreendeu-se com o que encontrou. Mesmo tendo dirigido e participado como intérprete numa obra marcante do seu percurso, não conteve o espanto: “Aquilo era mesmo anárquico, era mesmo uma experiência maluca de liberdade em estúdio – no sentido em que parecia que disparava para todos os lados e não havia centro. Era muito incrível a nível energético.”

Toda essa energia que se espalha por todo o palco, libertada por seis intérpretes que, sim, “disparam para todos os lados”, sobrepondo acções simultâneas e muitas vezes tão fechados no seu próprio mundo que parecem ignorar tudo o que se passa à sua volta, está intacta. Poesia e Selvajaria , remontada 27 anos depois e apresentada esta quinta-feira e sexta no Centro Cultural de Belém, Lisboa, foi ressuscitada e reteve essa qualidade desalinhada e desconcertante.

Se nos primeiros minutos, os seis envergam camisas ou vestidos vermelhos, escondem os rostos debaixo de chapéus (feitos de novelos de lã, de peluches e outros materiais) e, embora falem de si para si, sem escutarem os outros, circulam juntos e parecem unidos por um magnetismo comum, logo se deslaçam e se dedicam às mais (aparentemente) aleatórias e desconexas acções. Enleiam-se em fita-cola, enfiam a cabeça numa máquina de lavar roupa que está sempre em cena, envolvem-se em lutas inconsequentes; enquanto uma tira notas num bloco, outra abana a cabeça num frenesim enlouquecido; enquanto um estende papel higiénico pelo chão, outra usa óculos desenhados numa ardósia para perceber o que a rodeia; um finge-se morto e outra usa um cavalo de pau como se fosse um martelo pneumático.

“Ao ver agora a peça a renascer no estúdio”, conta Vera Mantero ao PÚBLICO, “nas poucas ocasiões em que me colocava de fora para poder dar dicas e ajudar, fiquei com a sensação de que esta é uma peça muito punk, meio anárquica e que contém muita energia. Sinto nela um fenómeno energético que cria uma certa exaltação – há coisas aqui da ordem do delírio exaltante ou da anarquia exaltante.”

No seu texto para a folha de sala do CCB, Vera Mantero fala da liberdade que toma conta de Poesia e Selvajaria como “disponibilidade para as pulsões, disponibilidade para ouvir e disponibilidade para as levar a cabo de alguma forma”. “Ouvir essas pulsões em nós, e abraçá-las, abre um campo enorme de possibilidades, cria uma energia para construir, dá uma sensação de sentido (...)”.

Tamanha energia transborda do palco e, aliada a uma dispersão de gestos e percursos que parecem alheados, faz de Poesia e Selvajaria uma peça que parece estar a ser inventada pelos seis intérpretes a cada instante, sem obedecer a qualquer guião. “É muito giro porque já na altura nos perguntavam se a peça era improvisada”, conta Vera Mantero. “E eu respondia que partiu de improvisações, mas que isto está tudo marcado.” Essa é, de resto, uma das marcas que a coreógrafa identifica como identitárias da sua obra e que já aqui se encontravam, continuando a habitar as suas criações – o trabalho a partir da improvisação, a relação em palco com os objectos –, mas também uma certa impureza e um certo “ruído” em tudo.

O difícil num processo destes, concede Vera Mantero, é reerguer uma obra com 27 anos e colocá-la nestes seis corpos (André de Campos, Emily da Silva, Joana Azuru, Luís Guerra, Nuno Bizarro e a própria Vera Mantero) quando só dois deles estiveram na obra original e em que uma das novas intérpretes nem sequer era ainda nascida à data da estreia. E também porque não há qualquer tentação em ir à procura de alterações em função da mudança de elenco ou do momento presente. Para a coreógrafa, aliás, era essencial realizar um trabalho de absoluto rigor e respeitar o mais possível a partitura original. “Se vamos repor uma obra e ela tem 27 anos”, defende, “então vamos dar às pessoas a oportunidade de ver a obra como ela é. Não vamos fazer – mal comparado – uma Gioconda um bocado torta. Para mim, todo o interesse é mostrar a obra tal como era.”

Até porque, reconhece Mantero, “as razões que aquelas pessoas [o elenco original] tinham há 27 anos e as lógicas que encontraram” já não são necessariamente evidentes a esta distância. “A construção de um espectáculo é feita de fios finíssimos e é como um castelo de cartas. Eu já não sei as razões de tudo e, se fosse mexer na peça, se calhar ia cair por terra, porque tudo está baseado e sustido por coisas finíssimas.” Assim, tal como a vemos agora, Poesia e Selvajaria é uma poderosa recriação de uma peça nascida de uma absoluta liberdade e de uma desbragada e desenfreada assunção de que tudo pode acontecer em cima de um palco.

Ir ao museu

Poesia e Selvajaria é a primeira de duas peças do seu passado que Vera Mantero irá visitar, nos primeiros meses de 2026, no CCB. A segunda, Um Estar Aqui Cheio, será apresentada a 26 de Fevereiro e será a estreia em Lisboa de uma criação que Mantero trabalhou durante um mês em Brest e levou à cena pela primeira vez na cidade francesa em 2001, tendo resultado da colaboração entre a coreógrafa, o elenco de bailarinos, o escritor António Poppe, o músico Boris Hauf e as artistas visuais Nadia Lauro e Helena Inverno. “É uma peça de que gosto muito e que tenho uma grande tristeza de nunca ter mostrado em Lisboa”, revela. “Teve azar porque, ao estrear na temporada regular de um teatro, não foi vista por muitos programadores. Mas lembro-me bem do efeito que teve nas poucas pessoas que a viram.”

Foi assim que acabou por ser uma das duas propostas acordadas com o CCB para recuperar em 2026, na sequência de um exercício semelhante que, em anos anteriores, foi proposto a Francisco Camacho e a João Fiadeiro Poesia e Selvajaria, por seu lado, foi também uma peça que era pedida com frequência a Vera Mantero para que voltasse a apresentar.

O regresso a obras passadas é particularmente caro a Vera Mantero. “Repor peças antigas tem mesmo graça pela oportunidade de ir ao museu, porque é uma oportunidade que não temos nas artes performativas”, diz. “E, por isso, conhecemos muito mal a nossa história, enquanto alguém que estude artes visuais pode ir aos museus, um músico pode ir ouvir tudo o que lhe apetecer de toda a história da música – e o mesmo se pode dizer do cinema ou da literatura. As pessoas que trabalham nessas áreas têm a possibilidade de fazer as suas criações respondendo a essa história – porque acho que

cada artista está a responder à história que herdou, ninguém começa do zero. E nas artes performativas recebemos uma história feita de buracos e de farrapos. É algo que acho dramático para a nossa área e que cada um tem de colmatar à sua maneira.”

A maneira de Vera Mantero, neste início de 2026 em que completará 60 anos, é a de – ao mesmo tempo que mantém um saudável fluxo criativo – oferecer a possibilidade de (re)descobrir algumas das suas criações, em absoluto respeito pela forma como foram imaginadas há mais de 20 anos. Com o extra de, neste seu trabalho de coordenar a remontagem de Poesia e Selvajaria , ver revelados novos aspectos de uma “peça complexa, que tem muita multiplicidade e muita simultaneidade”. E isso tanto acontece ao passar a assumir a voz principal de uma canção que se diz contra a guerra e pelo amor, mas que não resiste a desembocar num refrão enamorado pelo “aquecimento central” – enfim, um pouco de conforto, pelo menos –, quanto ao colocar-se um pouco de fora e ter agora “noção de tudo o que estava a acontecer a todo o momento”.

Agora, Vera Mantero conhece melhor a peça. E pode continuar a espantar-se com uma obra que se mantém inquietante, interpeladora e radicalmente livre.